

**ARTIGO****EDUCAÇÃO SOCIAL DE RUA: UMA OUTRA PRÁTICA PEDAGÓGICA**Jacyara Silva Paiva<sup>1</sup>**RESUMO**

Por meio dos diálogos com Educadores Sociais de Rua, compreendendo que o significado de pedagogia pode ser visto e sentido no contexto do conceito de *práxis*. A Educação Social de Rua, segundo a fala dos Educadores Sociais de Porto Alegre, Salvador e Vitória, é construída na ação pedagógica da e na rua, em um cotidiano dinâmico que se renova a cada dia, em suas falas identificamos muitos pressupostos educacionais freirianos: dialogicidade, amorosidade, conhecimento, conscientização, ação-reflexão-ação, leitura da realidade, inédito viável, apontando sempre para a emergência de formações que venham dar um novo sentido as complexas práticas da educação de rua. Os educadores foram ouvidos em três cidades do Brasil que desenvolvem práticas de Educação Social de Rua, a saber : Porto Alegre, Salvador e Vitória. A escuta atenta desses Educadores desvela seus sonhos, desejos, necessidades e o debate e renovação de práticas que vem sendo construído no chão das ruas num contínuo processual.

**Palavras-chaves:** formação; educação social de rua; educador de rua; pedagogia social.

**ABSTRACT**

Through dialogues with Social Street Educators, we realize that the meaning of pedagogy can be seen and felt in the context of the concept of praxis. The Social Education on the Street, according to the speech of Social Educators of Porto Alegre, Salvador and Victoria, is built on the pedagogical action of the street and on the street, in a dynamic routine that is renewed every day. We identified many Paulo Freire assumptions in their educational speeches: dialogicity, loving, understanding, awareness, action-reflection-action, interpretation of reality, untested feasibility, always pointing to the emergence of formations that will give a new sense of the complex practices of street education. The educators were heard in three cities in Brazil that develop Social Education practices on the Street: Porto Alegre, Salvador and Vitoria. Attentive listening reveals the Educators' dreams, desires, needs and the discussion of practices and renewal that has been built down the street in a continuous procedure.

**Keywords:** education; social education street; street educator; social pedagogy.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha/ES. E-mail: [jacyara@superig.com.br](mailto:jacyara@superig.com.br)

## O COTIDIANO DE PRÁTICAS E TEORIAS DO EDUCADOR SOCIAL DE RUA

A intencionalidade da consciência situa o conhecimento numa perspectiva transformadora, pois segundo Freire, ser intencional significa ter um caráter ativo, indagador, reflexivo e criador. Freire também não dicotomiza teoria e prática, ação e reflexão, contexto teórico e contexto concreto, para ele toda teoria sem prática é vazia e toda prática sem teoria é ativismo cego.

A epistemologia freireana é revolucionária constituindo-se na unidade dialética entre ação-reflexão-ação (práxis), que requer testemunho da ação (coerência). Ratificamos que o sentido revolucionário de conscientização constitui-se em processo educativo e epistemológico na libertação do ser humano das amarras que o oprimem ela visão ingênua do mundo que o cerca. Consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. O desenvolvimento da consciência crítica se dá pela educação problematizadora- libertadora, num processo dialético-dialógico da busca permanente de reelaboração do conhecimento e da transformação ético-política da realidade histórico cultural.

Estivemos nos territórios de três cidades distintas do Brasil em busca de práticas que pudessem renovar o debate sobre a Educação Social de Rua, numa relação dialógica buscamos compreender através da fala dos Educadores Sociais de Rua seu agir (in)consiente.

A maioria dos Educadores mostraram um discurso consciente que se imbrica no agir sobre o cotidiano, construindo um mosaico entre a ação, reflexão, teoria e prática totalmente envolvida com a necessidade de sistematização.

Eu cansei, já falei várias vezes aos meus colegas: precisamos sistematizar nossa prática, mas eles ficam parados. Então vem alguém lá da academia, sem nenhuma *práxis* e diz quem nós somos, o que devemos fazer, como devemos atuar. Não nos enxergam porque nós não nos mostramos o suficiente [...].

[...] O erro está em mim, nos meus colegas, mas eu cansei [...] Cansei porque acho que nossa luta não se dá apenas nas ruas, mas também aqui, dentro da instituição. Precisamos ser reconhecidos, hoje nos vêem como uma extensão do menino que está na rua, me sinto por vezes um lixeiro humano (P2, POA).

Eu não sei, acho que falta tempo, nós já conversamos sobre isso, é muita riqueza que vai embora, porque nós não colocamos no papel, fazemos nossos relatórios mas nem sei no final onde vão parar, a gente acaba contando com a memória mesmo, acho que somos meio acomodados com essa coisa de escrita mas sei que é importante, às vezes quem acaba escrevendo é quem não tem prática nenhuma, não sabe nem o que é a rua (P5, POA).

O Educador Social de Rua expressa seu descontentamento com a não sistematização de suas práticas, que acabam se perdendo no cotidiano diário das ruas que é sempre emergencial, que lhe ocupa o tempo em que poderia estar

sistematizando seu saber , criando pedagogias diversas para o que fazer das ruas. Hoje os educadores sentem uma necessidade além da ação/ reflexão que é a da sistematização dessa ação refletiva, os que não o fazem relatam certa angustia por não faze-lo, pois sabem exatamente o que essa sistematização pode significar para o sentido de suas práticas ,para o processo educativo realizado nas ruas com nossas crianças e adolescentes destituídos de seus direitos constitucionais básicos.

Aqui nós procuramos sistematizar tudo, todos as nossas capacitações, trabalhos de estagiários, monografias, dissertações, teses até estrangeiras, tudo que nasce no Axé procuramos sistematizar, essa sempre foi a orientação do Cesare, anualmente fazemos um relatório escrito de todas as nossas atividades, está tudo na biblioteca pode ver” (S1, SALVADOR).

Mesmo que ninguém lhes diga, mesmo sendo cobrados de todos os lados eles conhecem o seu papel, sabem de onde falam, o que deve ser feito, sua prática, seu saber, sua experiência em educar olhando nos olhos do menino, faz desse encontro, dessa vivência existencial um ato de mediação, que por vezes num primeiro olhar pode-se achar até sem direção, mas ao pararmos para olhar atentamente vemos uma direção em sua prática educativa , ainda que essa não seja oficial.

Nossa tarefa é ser mediador, fazer suscitar o desejo no menino, ele volta a ter sonhos, vontades, nosso fazer é educar, fazê-lo voltar para vida em sociedade e contribuir de alguma forma para sua inclusão, apesar de respeitarmos o tempo dele, sabemos que o lugar de criança não é nas ruas, não podemos nos acomodar com isso (S3, SALVADOR).

Os educadores Sociais de Rua das cidades pesquisadas sabem de onde falam, sabem o que fazem e porque fazem, a serviço de quem eles se colocam. Essa é uma prática empreendida por um educador que sabe qual é o seu lugar, o fato de não sabê-lo despontencializaria sua ação com os educandos que estão nas ruas. Percebemos que a ação do Estado não valoriza e reprime o Educador , quando não deixa claro seu papel diretivo de educar, quando não valoriza suas ações ,quando não reconhece seu ofício de educar.

Nas falas dos educadores percebemos que alguns educadores sabem exatamente qual é o seu papel e outros nos falam da confusão de papéis existente, o que a sociedade espera e cobra deles, no entanto mesmo em meio a essa confusão eles sabem de onde falam, qual é o seu lugar, ainda que não esteja nele. O objetivo da Pedagogia Social é que cada educador tenha claro o seu papel, onde está, o que faz e porque faz.

Eu não sei de fato qual o nosso papel, quando fiz concurso para prefeitura de POA o edital dizia que o concurso era para ser monitor, o que está em meu contracheque até hoje, como já atuava em movimentos comunitários e precisava de um emprego público resolvi fazer, de direito somos monitores, de fato nos denominamos Educadores Sociais. [...]

[...] Eu não monitoro pessoas, educo pessoas, isso é claro para mim, mas as pessoas e muitos educadores ainda confundem isso. Não há na prefeitura nada escrito sobre o nosso papel. O que temos de oficial é o edital do concurso realizado há 16 anos, que é completamente equivocado quanto ao nosso papel (P3, POA).

[...] aqui todo mundo sabe do seu papel, somos todos educadores, não importa sua graduação, do presidente à faxineira da instituição, somos todos educadores, todos precisamos de formação, aqui ninguém é contratado para ser advogado, professor ou assistente social, todos são contratados pelo Axé como educadores, o Axé nasceu assim e eu acho isso saudável (S3, SALVADOR).

## A CONSTANTE BUSCA DE UMA METODOLOGIA

A metodologia utilizada pelo educador social difere da metodologia utilizada pelo educador escolar, pois nas ruas está sempre se (re)fazendo de acordo com as transformações próprias da rua que não é estática, essa metodologia apesar de estar em constante transformação é necessariamente amorosa. “O amor é uma tarefa do sujeito. É falso dizer que o amor não espera retribuições. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro. Não há educação sem amor [...] não há educação imposta, não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não respeita (FREIRE, 1989, p. 29).

Professores e Educadores Sociais educam, mas há uma diferença: O primeiro visa a uma educação mais formal, com matérias escolares de matemática, português, etc. Já os Educadores Sociais atuam como eternos aprendizes, ensinando e aprendendo todos os dias através de uma leitura de vida, com um olhar mais micro e macro conforme a história de cada indivíduo que chegam até nós (S1, SALVADOR).

O amor transformado em amorosidade é uma condição emergente na tarefa de ser educador social, é essa condição que o leva a buscar seu educando onde quer que ele esteja, ouvindo-o sob todas as formas, valorizando aquilo que o educando traz, mesmo se sentindo desvalorizado em relação aos outros educadores, fazem a reflexão sem afetar sua amorosidade, portanto “a minha abertura de querer bem significa a minha disponibilidade e alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo (FREIRE, 1999, p. 160). Resilientes como a maioria de seus educandos, conseguem se (re)fazer através da leitura crítica de seu cotidiano como Educador Social de Rua, comprometendo-se consigo e com o outro produzindo quantas pedagogias forem necessárias para dar existência digna ao humano.

Bem, começa que professor é mais valorizado pela sociedade e até pelo poder público, como se explica: o educador trabalha bem mais e ganha bem menos na mesma prefeitura? Professor quando chega para dar aula os alunos já estão ali na sala, o educador tem de sair à procura de cada um, educador trabalha, no sol, no frio, professor, não, tem sempre a salinha dele e a mesa maior é dele. Mas com tudo isso, gosto de ser Educador Social, de sair atrás do guri, de saber que ele está conversando comigo porque quer, se está me ouvindo é porque gosta, nada o prende a mim se não o vínculo que nós construímos, sem isso não sou nada, sem conversar, sem

ouvir o guri não sou educador, e esse guri eu sei que me valoriza (P4, POA).

Por exemplo, tem uma situação em que uma professora trabalhando lindamente num projeto de ciências, pergunta aos meninos, fazendo um levantamento prévio do conhecimento deles, sobre o que eles sabiam sobre os mamíferos. E conversando sobre os mamíferos aparece a questão do conceito, de um dos meninos trazendo a sua informação.

[...] seu conhecimento diz que os seres humanos eram ratos, que passaram por um processo de evolução e tinham criado asas e virado um morcego. O professor sem nenhuma maldade, desavisado, diz para esse menino que essa história é uma mentira e esse menino fica com muita raiva, fica mal na sala de aula e pede para ir embora.

Depois fomos descobrir que a questão toda, que estava em jogo, era que a informação que ele trazia tinha sido passada a ele pelo avô e que aquele conhecimento informado era muito importante, que marcava para ele uma relação, talvez com o único homem que algum dia deu atenção a ele e contado, partilhado alguma história.

Então, esses cuidados que são peculiares dentro da prática do Educador Social, essa atenção àquilo que a criança traz de cultural, de esquema subjetivo, as repetições que essas crianças vivem na relação com determinados adultos, cuja exploração transportam vida a fora, por exemplo, fazendo relações de transferência para o professor com base nisso. Se eu quero construir conhecimento com meu educando preciso ouvi-lo, preciso saber da história de vida dele, se não, não rola (S3, SA).

Aqui em POA tem uma escola para gurus de rua, a escola Porto Alegre. No início da administração petista, quando a escola foi criada, era tri-bom, nós educadores da FASC saíamos com os educadores da educação, construíamos o vínculo juntos e podíamos entrar na escola sem muita burocracia. Hoje as coisas mudaram, só vai para escola Porto Alegre quem está na rede, no abrigo, daí perdemos o contato com o pessoal de lá, não temos autonomia mais para encaminhar nenhum menino, me parece que a escola não é muito bem vista, mas o pessoal lá luta para não acabar. Na verdade, aquela escola surgiu só para existir por um período, pois não se queria um gueto para os meninos, era uma fase de transição, mas existe até hoje, para as crianças dos abrigos e outras crianças pobres fora de faixa, eles trabalham com EJA e oficinas, é uma escola diferente, adianta isso? (P4, POA).

Existem pedagogias que correspondem à determinadas intencionalidades formativas e se utilizam de instrumentais diversos (STRECK, 2008), dentre eles a amorosidade como uma potencialidade educativa, uma amorosidade compartilhada, que significa comprometer-se consigo e com o outro e que nos faz produzir quantas pedagogias forem necessárias para dar existência digna ao humano.

Em alguns momentos sinto na fala dos educadores o desejo de falar aos educadores escolares, de estar com eles, para dizer-lhes que outra pedagogia é possível, que a pedagogia que vem sendo praticada atualmente nas escolas não consegue fazer feliz o educando e é preciso mudança, é preciso comprometimento com o educando. O Educador Social não quer o fim da escola, mas a mudança dela,

e uma mudança que ocorra de tal modo onde caibam todos, onde é pensada para todos.

Assim é composto o cotidiano desses educadores dos conceitos que emergem de suas falas, ouvir suas falas e relacioná-las as falas de Paulo Freire constituiu-se um exercício interessante. Através de suas falas compreendo a importância da Educação popular e das proposições freirianas no *quefazer* dos educadores sociais pesquisados, apesar de não terem uma leitura aprofundada em Paulo Freire, os educadores colocam em suas falas conceitos freirianos que determinam seu fazer ao desvelar-se a mim que me faz refletir como eles conseguem fazer essas aproximações, nesse sentido Freire me responde:

se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolivelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso [...] Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele, capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação, um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 1979, p. 16-17).

Nas vivências dos Educadores de rua percebo o constante exercício da escuta que implica tolerância, humildade e sensibilidade para valorizar a nossa própria capacidade de perplexidade e admiração diante do movimento da indignação amorosa; que os aproxima e convida o educando ao diálogo amoroso – não o que somente tece declarações de amor ao outro, mas o que possibilita dialogar afetivamente com as divergências, afetando-nos e causando transformações pessoais neste instante o educador passa da mera curiosidade para na curiosidade epistemológica, ele escuta o outro por considerá-lo sujeito de direitos, sujeitos que possuem um saber válido. A escuta social é uma escuta diferente porque tem o poder de transformar tanto quem ouve quanto quem escuta.

Enquanto você não tiver o conhecimento de que aquela criança tem um saber, você vai fazer caridade, você vai resolver suas culpas sociais. Eu conheço muita gente que trabalha com pobre, mas o dia que a pobreza acabar essas pessoas vão ter problemas, terão que arrumar um lugar para ir, não terá pobre para oferecer alimentos, dar comida. Você tem que interagir, não para fazer interrupções, não para entender como é aquela criança, mas para entender junto com ela que mundo é esse, que necessidade é essa e porque a situação se encontra desse jeito. Então, para nós, a criança que está nessa situação é resultado da organização da sociedade, da estrutura da sociedade e a sociedade é estruturada de forma violenta (S3, SALVADOR).

Colocar-se como um recipiente aberto, aceitando os depósitos, disponibilizar-se sem ansiedade, evitando julgamentos prévios. Aprendendo o caminho do diálogo com aquele sujeito, observando a forma como fala (tom de voz, que emoção passa...), depois de tudo isso vamos ao esforço da síntese a fim de tentar compreender a verdade do sujeito (S1, Salvador). Educador para mim é aquele que tem a paciência de sentar e ouvir, que verdadeiramente se importa com a criança e o adolescente, que percebe

que tem algo a aprender e a construir com aquela criança e adolescente (P5, POA).

## A ESCUTA COMO PRÁTICA EDUCATIVA

A escuta do educador social, a escuta de que fala a Pedagogia Social, certamente vai além da capacidade auditiva de cada um, é uma escuta diferenciada porque na escuta social o educador se propõe a escutar além das palavras, é a escuta humanizante onde o educando não é um mero cliente, mas um ser humano cheio de possibilidades. Freire nos diz que “escutar ó obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar no sentido aqui discutido, significa a possibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura á fala do outro, ao gesto do outro, ás diferenças do outro. Isto não quer dizer evidentemente que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária (FREIRE, 1999, p. 135).

Eu não sabia escutar, quando fui trabalhar nas ruas pensei: nossa, tenho um monte de conselho para dar a esses guris. Engano meu, eles não queriam meus conselhos, eles queriam ser ouvidos e como eu pensava que ia falar sem ouvir? Meu Deus, hoje vejo como era ingênua! Mas nos jogaram nas ruas sem falar nada. Hoje sei que se eu não escutar, não vou conseguir fazer nada e o legal é que quando escutamos a criança ela também nos escuta, ela também ouve nossa história de vida e isso é legal, essa troca. Às vezes saio de casa aborrecida com alguma coisa, mas quando chego na rua e escuto esses guris e eles me escutam volto diferente e diferente de muitas formas, às vezes vibrando por uma conquista, ou revoltada com a sociedade, ou me achando nada por não conseguir fazer nada, ter de sair do local e deixar a criança na rua, ouvir sua história e não ter nada para fazer é doído demais (P1, POA).

Todos os educadores ressaltam o diálogo como um dos pontos mais fortes da pedagogia que praticam, a importância de aprender a escutar os meninos/as e a devolver essa escuta, problematizada, em forma de questões, ajudando o educando a situar-se no mundo, valorizando suas histórias, sua cultura, estabelecendo com ele uma verdadeira caminhada pedagógica e a partir daí ir gerando um conhecimento novo, percebo de maneira clara em suas falas a vontade de fazer conhecimento através do diálogo, que é uma escuta social, não é um ouvir clínico, um ouvir de escuta de sons, mas é um ouvir do educador social, que consegue ouvir o seu educando e sua cidade.

[...] É importante aprender a escutar os guris e gurias e a devolver essa escuta problematizada em forma de questões, ajudando o educando a situar-se no mundo estabelecendo com ele uma caminhada, e nessa caminhada vai se produzindo mudanças, ampliando o conhecimento [...] (P3, POA).

Quem não tem paciência para ouvir vai procurar ser outra coisa, menos Educador Social de Rua, porque o educador tem de ouvir, ouvir, ouvir e ouvir, não somente com os ouvidos, mas com todo o corpo, com toda emoção, ele precisa dialogar, ouvindo e escutando e tudo isso tem de ser feito com muito prazer, porque a criança que está diante de nós sente quando nosso ouvir é verdadeiro (Valda Axé).

Ouvir é uma virtude, para o Educador Social de rua essa virtude pedagógica é essencial, exigindo um constante exercício de aprender a ouvir, escutando pacientemente o que o educando fala, sem julgamentos, mas, no entanto escutando de forma crítica, para Freire o ato de ouvir credencia o educador ao diálogo com o educando, não sobrepondo seu discurso. O ouvir do Educador Social de Rua é um ouvir com respeito, mas não se omitindo de discordar, de emitir opiniões sem arrogância.

A anúncia/denúncia surge através da reflexão como ato político, é o grito do Educador Social, ele anuncia que o trabalho nas ruas não pode ser um trabalho isolado apenas do Educador com o Educando, mas é um trabalho político e por isso necessariamente coletivo, só assim será libertador e inovador.

O pessoal, meus amigos, me vem assim, o Daniel é um funcionário público em primeiro lugar, tem estabilidade, essa é a primeira coisa que vem na cabeça deles, pelo menos é a visão que eu tenho [...], ah! e trabalha como assistente social e isso para a população é muito complicado, essa profissão em que o Educador Social não pega ninguém a força, porque não somos policiais, nem assistentes sociais que estamos lá simplesmente para levá-los ao abrigo, para dar comida e dormida. Ninguém entende o que o Educador Social é, não só meus amigos, mas para toda a população, o pessoal nos vê nas praças conversando com os guris, é muito difícil entender, às vezes tem confusão até aqui, quando trocam o prefeito e chegam os cargos comissionados que não conhecem nossa história e nos chamam de “monitores”. Tá certo que é o que está no meu contracheque, na prefeitura não existe essa profissão de Educador Social, se não existe [...] (P3, POA).

O Educador social anuncia e denuncia, desvela o cotidiano de uma profissão em construção e ao fazer isso se coloca como um protagonista existencial que constrói, que luta pela emancipação popular mesmo sendo invisibilizados em seu ofício, a capacidade de sonhar, de perceber mudanças, de saber da incompletude de ser educador social, funciona como um motor essencial na construção da profissão de Educador Social.

Eu vou para as ruas arrumada, não gosto de andar desarrumada só porque trabalho com guris de rua, andando assim as pessoas já nos olham meio torto porque andamos com meninos que estão nas ruas, imagine se a gente anda sem cuidado com a aparência e com a roupa, vão achar que somos de rua também (P1, POA).

As pessoas lá da FASC têm um certo preconceito com quem trabalha na rua, tanto que nós funcionamos longe da FASC, e quando vamos lá sempre ouvimos uma piadinha: “lá vem o povo da rua”, “olhe tem um monte de meninos de vocês na rua tal” como se esses guris não fossem responsabilidade da sociedade (P2, POA).

Nos falamos sobre “a dor e a delícia” de serem educadores sociais de rua, compreendemos sua anúncia denúncia nos dizendo: queremos ajudar, mas precisamos de ajuda, somos cuidadores, mas precisamos de cuidado, não há como pensar em política pública para as crianças e adolescentes sem pensar no executor da política pública.

As possibilidades hoje estão sendo pensadas pela Pedagogia Social que tem suas raízes na educação popular”, e assim caminhamos enquanto grupo de pesquisadores, enquanto educadores sociais assumindo os riscos de uma nova pedagogia que se desvela, construindo saberes, valores junto com o nosso educando. Esse é o nosso maior anúncio hoje.

A busca permanente, a consciência de que aprender se dá a todo momento vai além das palavras do Educador Social podemos sentir isso em sua existência, na esperança que este tem em relação ao seu educando.

Como Educador Social, nunca devemos esquecer que essa criança e adolescente que está nas ruas traz seus saberes, uma história valiosa, uma bagagem, valores, que o seu caráter foi formado com esses saberes, a partir desses saberes, nunca menosprezando-os. O Educador Social deve estar preparado para construir, aprender e somar alguma coisa a mais, é troca mesmo, eu tenho aprendido muito mais nas ruas, nos abrigos com essas crianças e adolescentes do que aprendi na faculdade de Psicologia, acredita? Por meio das histórias de vida dela, repensei a minha história e isso devo a elas, aprendo todo dia (P1, POA).

Aprender e ensinar fazem parte do processo global do conhecimento. O ato de ensinar, vivido pelo sujeito que ensina, desdobra-se para os sujeitos que aprendem, colocando quem ensina e quem aprende simultaneamente no papel de protagonistas, no ato de conhecer o ensinado, o educador, portanto através do diálogo refaz seu conhecimento, que é sempre inacabado, sempre um vir a ser e sempre imbricado inexoravelmente no outro.

Me pego em muitas ocasiões pensando no contraditório do serviço quando tentamos acolher o que produzimos/excluímos nesta sociedade que são os não adaptáveis. Quando o prefeito ou secretário nos solicita o recolhimento destas crianças/famílias/pessoas, que enfeiam a cidade, que oferecem riscos a sua segurança, que incomodam [...]. Não raro me descubro olhando aquelas mães com suas crianças parecidas com a minha e tenho vontade de desistir de tudo, abraçar minha pequena e ficar quietinha esperando tudo mudar [...]. Mas aí volto no outro dia e recomeço acreditando que se posso usar minha voz e minha esperança junto aos meus iguais, me renasço todo dia, e penso que com isso, quem sabe a vida destas crianças possa ter mais esperança. Sabe, sempre que vou às ruas penso em como eu, educadora, com toda essa carga de cobrança em cima, para a gente recolher esses meninos como se fossem lixo, como eu posso ajudá-lo a ter mais esperança? Várias vezes vou para casa e literalmente adoço, não só eu, mas para vários educadores aqui, ir para as ruas e olhar nos olhos desses guris e gurias é difícil [...] (P5, POA).

## (IN)CONCLUSÕES

Falo de (in)conclusões por acreditar na flexibilidade cotidiana, porquanto não há respostas prontas, tão pouco definitivas. As (in)conclusões deste trabalho de pesquisa são feitas por um olhar comprometido de quem, além de ser pesquisadora, é educadora social de rua há 29 anos. Posto isso, minha ligação com espaço educativo rua é visceral, minha escolha na pesquisa da especialização, mestrado e agora doutorado fala das ruas, principalmente porque acredito ser esse um tema que deve fazer parte da agenda das academias.

Durante o trabalho procuro dar espaço para que aquele que me lê, que me desvela, para que possa também ter suas (in)conclusões acerca do tema. Nessa pesquisa, tenho a rua como espaço educativo, educação social de rua como ofício e Pedagogia Social como ciência. Esse mosaico é o que constitui este trabalho tecido por muitas mãos: dos meus colaboradores de pesquisa, dos educadores sociais das cidades de Porto Alegre, Vitória e Salvador. Eles se desvelavam diante de mim - assim como suas experiências e vivências cotidianas - a ponto de me fazer sentir uma neófita no assunto. Desse modo, foram momentos extremamente impactantes para mim, onde o desvelamento deles evocava o meu próprio desvelamento. Além disso, suas experiências e vivências produzidas no complexo cotidiano das ruas chegaram a me transformar como ser humano.

Em meio a todo esse contexto que (co)move, faz-se importante ressaltar que nem todos os projetos sociais, nem todas as atividades desenvolvidas com crianças nas ruas constituem-se Educação Social ou estão fincadas na Pedagogia Social. Para que isso aconteça, o educador e os poderes constituídos precisam ter intencionalidades, consciência de que a educação é um ato político que não se negocia. Deve-se ressaltar também que o diálogo com as bases é essencial em sua prática, é escutar o outro, mergulhando no mundo-da-vida, considerando-o como sujeito válido sujeito de direito. Esse é o ouvir do educador social, diferenciado na prática do ouvir de outros profissionais.

Apesar de a sociedade legitimar a rua apenas de forma negativa, sou testemunha de uma “outra rua”, que também é refugio, onde os invisíveis das favelas tornam-se visíveis nos bairros nobres e desenvolvem como ninguém suas resistências e resiliências. Hoje essa mesma rua, por onde circulam drogas pesadas utilizadas por crianças cada vez menores, desafia os educadores sociais. O Crack, por exemplo, tem sido o grande desafio na educação de rua. Nessa pesquisa encontrei todo o tipo de Educador Social de Rua, uns com propósitos religiosos, outros sem propósitos e muitos com a certeza da dimensão política que seu ofício exige. Os últimos, tentando garantir espaço para participação crítica da criança e adolescente em situação de rua para que, dessa forma, esses jovens possam participar na sociedade lutando pelas necessidades e interesses de sua classe social. Esses são os educadores pensados pela Pedagogia Social.

Andarilhar empapada de utopia nas cidades de Porto Alegre, Salvador e Vitória me permitiu sentir a dimensão política de seus trabalhos com as crianças e adolescentes, como estão organizadas suas políticas públicas. Assim, abri-me à

compreensão desse fenômeno através do desvelamento das vivências e experiências dos educadores sociais que atuam nas ruas e que, além de lutar pelos direitos das crianças e dos adolescentes, anunciam e denunciam suas necessidades. São elas: segurança, uma vez que vivem sob constante ameaças (seja de traficantes ou mesmo da comunidade), carga horária de trabalho abrandada (alguns chegam a trabalhar 8 horas por dia sob sol escaldante), melhor remuneração (apesar da maioria com quem dialoguei possuir cursos superior não ganham como tal). Além disso, precisam de reconhecimento da profissão, como um ofício que pode provocar rupturas no ciclo da marginalização social, que é capaz de criar brechas no sistema. Assim, junto às crianças e adolescentes em situação de rua, são capazes de criar mecanismos de exigibilidade do direito. Apesar de todas as dificuldades, encontramos Educadores que sonham, não no sentido piegas da palavra, mas sonham projetando um futuro, uma escola que seja pensada para todas as crianças - inclusive as que se encontram em situação de rua por descaso de nossas políticas públicas.

Essas minhas (in)conclusões emergem em cada um dos capítulos, muitas vezes nas falas dos próprios educadores, cheias de sentido. Para grande parte dos Educadores Sociais de rua é fundamental estabelecer algum vínculo pedagógico, esperançoso com essas crianças, nem que seja nas ruas, afinal, todas as relações devem ser pedagógicas nos espaços da vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 96 p. (Série E. Legislação e Saúde). Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/lei\\_8069\\_06\\_0117\\_M.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/lei_8069_06_0117_M.pdf)>. Acesso em 10 out. 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cartas á Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989.

\_\_\_\_\_. Educação: O sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **O educador: vida e morte**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire e os educadores de rua: uma abordagem crítica**. Brasília: Unicef/ Funabem, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

PAIVA, Jacyara Silva de. **(Sobre)vivências: um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua**. 2006, 279 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

PINEL, Hiran. **Adolescentes infratores: sobre a vida, o auto-conceito e a psico-educação**. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 1989.

SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente; MOURA, Rogério (Org.). **Pedagogia Social**. São Paulo: FAPESP, Editora arte e Expressão, 2009.

SOUZA NETO, João Clemente de. **Crianças e adolescentes abandonados: estratégias de sobrevivência**. 2. ed. São Paulo: Arte Impressa, 2002.

STRECK, Danilo R.; REDIN; Educlides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte. Autentica Editora. 2008.

\_\_\_\_\_. Poderá o direito ser emancipatório? In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, n.º 65, p. 3-76, maio de 2003.